

Estudo de caso como abordagem de Ensino na Educação Cristã

Case study as a teaching approach in Christian Education

*Renato Araújo Torres de Melo Moul¹
Renata Priscila da Silva²*

Resumo: Entre a diversidade de metodologias de ensino que podem ser utilizadas na Educação Cristã, nos interessa, nesse artigo, apresentar o estudo de caso como abordagem de ensino. A problemática volta-se para identificação de estratégias didáticas que podem ser aplicadas no contexto educativo religioso e a hipótese é a de que o estudo de caso, a partir de parábolas, pode servir como metodologia útil a tal propósito. Fazemos assim uma reflexão crítica acerca do mesmo e possíveis caminhos para sua utilização que possam subsidiar educadores cristãos em sua prática. O quadro teórico está circunscrito na Educação Cristã desde uma tradição protestante, no estudo de caso como abordagem de ensino e algumas tendências metodológicas para utilização do estudo de caso. Argumentamos que as parábolas de Jesus tratam-se de casos de estudo e, a partir da metodologia de abordagem das inteligências múltiplas, e tendo as parábolas de Jesus como casos, oferecemos ao educador ferramentas para elaboração e aplicação em situações de ensino. Por fim, trazemos algumas considerações acerca do estudo de caso e as possibilidades e limitações da utilização frente à Educação Cristã.

Palavras-chave: Teologia Prática. Metodologia de Ensino. Parábolas de Jesus. Educação Cristã.

Recebido em: 26 de abr. de 2022
Aceito em: 15 de mai. de 2023

¹ Mestre em Ensino das Ciências pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Atualmente é Superintendente da Escola Bíblica Dominical na Assembleia de Deus Convenção Abreu e Lima-PE.

² Doutora em Ensino das Ciências pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Atualmente é professora pertencente ao quadro da Secretaria da Educação e da Ciência e da Tecnologia da Paraíba.

Abstract: Among the diversity of teaching methodologies that can be used in Christian Education, we are interested, in this article, in presenting the case study as a teaching approach. The problem turns to identifying didactic strategies that can be applied in the religious educational context and the hypothesis is that the case study, based on parables, can serve as a useful methodology for this purpose. We therefore carry out a critical reflection on it and possible ways for its use that can support Christian educators in their practice. The theoretical framework is limited to Christian Education from a Protestant tradition, the case study as a teaching approach and some methodological trends for using the case study. We argue that Jesus' parables are case studies and, based on the methodology of approaching multiple intelligences, and taking Jesus' parables as cases, we offer the educator tools for elaboration and application in teaching situations. Finally, we bring some considerations about the case study and the possibilities and limitations of its use in Christian Education.

Keywords: Practical Theology. Teaching Methodology. Parables of Jesus. Christian Education.

Introdução

A Educação Cristã, doravante EC, está voltada para a formação integral da pessoa, assim ela busca libertar, transformar e capacitar e está alicerçada na fé, nos fundamentos bíblicos e na pessoa de Jesus Cristo. Os fundamentos bíblicos para a Educação Cristã são múltiplos, mas podem ser sincronicamente entretecidos para oferecer uma impressionante tapeçaria da educação e “a trama e a rama dessa tapeçaria são o trabalho do trino Deus soberano e aqueles de sua família adotiva que foram dotados e equipados para o ministério educativo”³.

Assim, a EC apresenta, de forma evidente, sua cosmovisão e procura desenvolvê-la mediante seu currículo e metodologia. A EC dialoga em diversos pontos com as teorias construtivistas da educação em geral, haja vista a natureza colaborativa do ensino cristão, que por sua essência,

Exige que o professor saiba o que se passa na vida dos alunos e considere esse fator no seu planejamento. Essa consideração explora o que os alunos trazem para a ocasião de ensino, como eles interagem durante a instrução em si, e a esfera para a qual os professores esperam que eles transfiram o

³ PAZMIÑO, Robert. W. *Temas fundamentais da Educação Cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p.60.

que aprenderam numa aplicação presente e futura à vida.⁴

É preciso, portanto, mobilizar diversos saberes e explorar estratégias de ensino que possam ir além da exposição do ensino e envolver estudantes em situações práticas e engajadas. Tendo em vista que, no contexto da EC, por vezes, estamos diante de grupos formados por pessoas de diferentes faixas etárias, classes sociais e níveis de ensino, urge a criação de espaços que permitam a generosidade, partilha e diálogo de saberes como princípio cristão.

Assim, a questão que move a elaboração desse artigo está direcionada para a produção de metodologias que possam ser utilizadas como ferramentas para a EC. O objetivo é apresentar o estudo de caso como abordagem de ensino - a partir da metodologia de abordagem das inteligências múltiplas-, propondo assim uma reflexão crítica acerca do mesmo e possíveis caminhos para sua utilização que possam subsidiar educadores cristãos em sua prática. A hipótese é que o estudo de caso, a partir de parábolas, pode servir como metodologia útil à EC.

O quadro teórico está circunscrito na Educação Cristã desde uma tradição protestante, no estudo de caso como abordagem de ensino, na exposição de algumas tendências metodológicas para utilização do estudo de caso, bem como em reflexões acerca das possibilidades e limitações dessa abordagem.

1. Conceituando Educação Cristã para Igrejas cristãs contemporâneas

Múltiplas são as definições dadas à EC na literatura especializada. Valdeci Santos afirma que “uma revisão da literatura revela a existência de certa complexidade semântica que beira à confusão”⁵, sendo definida como sinônimo de discipulado, instrução teológica ministrada na igreja local, e ainda um processo educacional eclesialístico, como a escola dominical. Soma-se ainda a recorrente dicotomia entre EC e Educação Religiosa. Importa ressaltar que os termos não podem ser confundidos sinonimamente. Aquela última pode se referir a qualquer processo educativo ministrado em qualquer religião. A EC por sua vez, é a educação religiosa do cristianismo, em

⁴ PAZMIÑO, 2008, p.53

⁵ SANTOS, Valdeci da Silva. Educação Cristã: conceituação teórica e implicações práticas. *Fides Reformata*, v. 13, n. 2, p. 155-174, 2008, p. 156, São Paulo.

suma, “a educação cristã é um tipo de educação religiosa, mas nem toda educação religiosa é educação cristã”^{6, 7}

Em uma revisão bibliográfica acerca da EC, a fim de exemplificar a visão panorâmica produzida, delineamos uma brevíssima caracterização de quatro definições propostas, de acordo com o quadro 1.

Quadro 1. Definições para Educação Cristã na literatura especializada.

Autor	Definição
ALESHIRE ⁸	A educação cristã envolve tarefas e expressões que permitem às pessoas aprender a história cristã, as habilidades que precisam para exprimir sua fé, refletir sobre tal história, a fim de viver conscientes de sua verdade e suprir as sensibilidades para conviver como uma comunidade.
GROOME ⁹	Uma atividade política com peregrinos ao longo do tempo que, deliberadamente, participa com aqueles na atuação de Deus em nosso presente, na História da comunidade cristã e na visão do Reino de Deus, cujas sementes já estão entre nós.
ZUCK ¹⁰	É o processo centrado em Cristo, baseado na Bíblia, relacionado ao púlpito, de comunicar a palavra de Deus no poder do Espírito Santo com o propósito de conduzir outros a Cristo e edificá-los no Senhor.
PAZMIÑO ¹¹	É o esforço deliberado, sistemático, divino e humano, de compartilhar ou adquirir conhecimento, valores e atitudes compatíveis com a fé cristã. Produz mudança e renovação das pessoas e estruturas, no poder do Espírito,

⁶ CARVALHO, César Moisés. *Marketing para a Escola Dominical*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 64.

⁷ A perspectiva de educação cristã abordada neste artigo parte da vertente protestante do cristianismo.

⁸ ALESHIRE, Daniel. Finding Eagles in the Turkeys’ Nest: pastoral theology and christian education. *Review & Expositor*, Thousand Oaks, v. 85, n. 4, p. 695–709, 1988, p. 699, Louisville.

⁹ GROOME, Thomas. *Christian religious education*. San Francisco: Harper & Row, 1980, p. 20.

¹⁰ ZUCK, Roy B. *Spiritual power in your teaching*. Chicago: Moody Press, 1979, p. 9.

¹¹ PAZMIÑO, Robert W. *Elementos básicos do ensino para cristãos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 89.

	para se conformar com a vontade de Deus expressa nas Escrituras e preeminentemente na pessoa de Jesus.
GEORGE ¹²	Processo deliberativo e intencional pelo qual Cristo é formado nas pessoas, visando a transformação e crescimento da pessoa toda e da Igreja toda em todo o tempo.

Fonte: Elaborado pelos autores.

As definições somam grandes listas, fornecendo desde descrições mais simples, como “o ministério de levar o crente à maturidade em Jesus Cristo”¹³, até às mais elaboradas, como aquela proposta por Felipe Fontes, a qual aproximamo-nos epistemologicamente: “atividade de qualquer agente (famílias, igrejas, escolas), exercida de modo formal ou informal, destinada à formação integral do indivíduo, que se desenvolve a partir da cosmovisão cristã”¹⁴.

Ao longo da Bíblia Sagrada percebemos que o ensino é uma atividade recorrente no dia a dia do povo Hebreu. No livro de Deuteronômio capítulo 6¹⁵, temos a passagem de Moisés recebendo orientações divinas para convocar os pais a ensinarem a Lei aos seus filhos, dentro do lar. Essa ordenança será recorrentemente enfatizada (Ex 10.2; 12.26; 13.8; Dt 4.9-10; 6.20,21; 11.19; 32.7). Mais à frente, essa tarefa é estendida aos sacerdotes/levitas (Lv 10.11; Dt 17.8-11; 2 Cr 35.3) e, com o passar do tempo, aos profetas (2 Rs 2.3-5; Jr 18.18). Após o exílio babilônico, encontraremos Esdras e outros escribas contribuindo para um grande avanço no processo educacional (Ne 8.1-18; 9.1-38), que parte do modo oral para a exposição dos textos escritos.

Cabe destacar que a família sempre desempenhou um importante papel no contexto da educação judaica, “sendo extremamente preventiva e orientadora”¹⁶. A instituição familiar configura-se nas Escrituras como um ambiente de ensino “formulado pelo Senhor, executado pelos pais e aproveitado pelos filhos. No lar

¹² GEORGE, Sherron. K. *Igreja Ensinadora: fundamentos bíblicos-teológicos e pedagógicos da Educação Cristã*. Campinas: Luz para o caminho, 1993. p. 14.

¹³ DOWNS, Perry G. *Introdução à Educação Cristã: ensino e crescimento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 17.

¹⁴ FONTES, Felipe. *Educação em casa, na igreja, na escola: uma perspectiva cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 28.

¹⁵ Para as citações bíblicas utilizou-se a seguinte versão: *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2019.

¹⁶ MAIA, Hermisten. *Introdução à educação cristã*. Brasília: Monergismo, 2013, p. 130.

judaico, os próprios pais eram os mestres; os filhos, os alunos; e os mandamentos do Senhor, o conteúdo”¹⁷.

Essa peculiaridade não é percebida apenas em tempos veterotestamentários. Felipe Fontes¹⁸ lembra-nos que no NT a ideia de família como agente educacional não desaparece, antes, é ressaltada, por exemplo, pelo apóstolo Paulo, quando atribui aos pais a incumbência de disciplinar e admoestar os filhos no Senhor (Ef 6.4), ou ainda quando elogia o modo como mãe e avó de Timóteo o fizeram (2 Tm 1.5,14-15). Para Fontes, “a família é o primeiro dentre os agentes secundários da educação”¹⁹.

Outro ponto de destaque, assumido por Downs, aponta que a relação do mestre com o aluno no AT era a relação do pai com o filho. A própria terminologia em Provérbios sugere esse relacionamento. “A educação não era impessoal e neutra, mas pessoal e relacional. Além do mais, Jesus preservou esse padrão em seu relacionamento com seus discípulos”²⁰.

Aos poucos, a educação veio marcar um modo de vida original para os cristãos que eram conhecidos como seguidores do Caminho (At 9.2; 24.14), pois transmitiam os valores ensinados por Cristo nas casas, nos templos, nas praças e até mesmo em cavernas. A educação tinha como conteúdo *mater* o Antigo Testamento para interpretação do senhorio e soberania de Jesus (Lc 24.25-27; Jo 5.39). O histórico livro de Atos dos Apóstolos aponta em diversos momentos a importância salutar dos ofícios de ensino e proclamação da Palavra, que marcaram a identidade da igreja do primeiro século (At 5.42; 11.26; 13.1; 15.35; 18.11, 25; 20.20,31; 28.31). O apóstolo Paulo, no livro de Romanos 12:7, apresenta o ensino como um dom concedido por Deus e que exige dedicação para ser desenvolvido. Sua finalidade é edificar a Igreja.

Ainda hoje, a educação tem sido o mais utilizado modo de envolver tanto novos convertidos quanto amadurecer a fé e prática de crentes na comunidade cristã. Nesse caminho, os cristãos empregam variados meios educacionais: escola dominical, livros-texto, credos, declarações de fé, sermões expositivos, discipulados, capacitação para lideranças, escolas, faculdades teológicas, etc.

¹⁷ MOUL, Renato Araújo Torres de Melo. Aportes teórico-metodológicos do ensino de Jesus Cristo e suas aplicações para a pedagogia. *Reveleiteo*, v. 13, n. 24, p. 65 – 80, 2019, p. 67.

¹⁸ FONTES, 2018, p. 47.

¹⁹ FONTES, 2018, p. 49.

²⁰ DOWNS, 2001, p. 28.

Concorda-se com Downs²¹ que o ensino é um imperativo bíblico a ser obedecido. No entanto, seus métodos podem variar. A forma como a igreja ensina está aberta para uma miríade de possibilidades adaptadas às culturas nas quais a comunidade local está inserida. Deve-se reconhecer e utilizar a “vasta diversidade de contextos disponíveis para a educação dos cristãos, tomando consciência dos múltiplos cenários em que ensinamos e aprendemos a fé”²².

2. Estudo de caso como abordagem de ensino

O estudo de caso como abordagem de ensino envolve a utilização de caso ou casos reais, ou que partam de situações reais, com a finalidade de aprender, aprofundar e tomar decisões acerca de assuntos ou conteúdos que estão sendo desenvolvidos. Em geral, os casos são escritos em forma de dilema de uma história pessoal que pode envolver uma pessoa, instituição ou empresa que tem um problema a ser resolvido. Para Cinthia Spricigo²³, o estudo de caso visa a abordagem de conteúdo por meio de situações de contexto real. Roberval Silva e Alexandre Benegas²⁴ abordam o caso como uma história narrada de um evento vivido e composta por fatos, dados e informações.

A literatura especializada aponta que o potencial da utilização do estudo de caso está relacionado a uma aprendizagem engajada em situações práticas, desenvolvimento de habilidades analíticas, tomadas de decisão, comunicação oral; trabalho em grupo e troca de experiências ²⁵.

Não se sabe ao certo quando os estudos de casos começaram a ser utilizados como abordagem de ensino; registros mais antigos datam de 1870, dos cursos de direito e administração da Universidade

²¹ DOWNS, 2001, p. 33.

²² TYE, Karen B. *Diretrizes para o ensino na Igreja local: para se pensar e desenvolver o ministério educacional*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 42.

²³ SPRICIGO, Cinthia Bittencourt. *Estudo de caso como abordagem de ensino*, 2014, p. 1.

²⁴ SILVA, Roberval Ribeiro da; BENEGAS, Alexandre Albertini. O uso do estudo de caso como método de ensino na graduação. *Economia e pesquisa*, Araçatuba, v. 12, n.12, p. 9-31, 2010, p. 18.

²⁵ HERREID, Clyde Freeman. Case studies em Science. A novel method of Science education. *Journal of College Science Teaching*, Arlington, February, p. 221-229, 1994, p. 225.

de Harvard²⁶. A abordagem que consistia em discutir casos reais mostrou-se eficaz na formação dos profissionais. Graham aponta que o estudo de caso contribui significativamente para o ensino, a pesquisa e a aprendizagem organizacional, por isso está tão presente nesses três segmentos e tem se capilarizado para diversas áreas como medicina, psicologia, política e educação²⁷.

Vários centros acadêmicos se destacam na investigação dessa abordagem enquanto ferramenta de ensino e também na proposição de casos que são utilizados em contextos de formação profissional e da educação básica. Podemos citar o *National Center for Case Study Teaching in Science* da Universidade de Búfalo, a *Harvard Business School*, a *Canadian School of Public Services*²⁸, a Escola Nacional de Administração Pública, aqui no Brasil, como exemplos de instituições que tem um arcabouço de conhecimentos e *expertise* com a abordagem²⁹.

Há várias formas de se escrever um caso, assim como são várias as metodologias em que o estudo de caso pode ser aplicado. A pessoa docente ou mediadora pode ter maior ou menor atuação e a pessoa discente ou educanda, maior ou menor autonomia. Isso vai depender dos objetivos e dos conteúdos que se quer trabalhar ao utilizar a abordagem.

Por isso, não é desejável apontar um modelo de estudo de caso único. Todavia, é plausível levantar alguns pressupostos que devem estar presentes desde a elaboração do caso até a sua aplicação, tais como, a veracidade do caso e as questões éticas que o envolvem.

Sobre a veracidade do caso, é preciso ter em mente que ele sempre narra uma história, e isso favorece o envolvimento da pessoa³⁰. O caso pode ser factual ou fictício, desde que parta de elementos reais, situações concretas que poderiam vir a acontecer.

O segundo pressuposto envolve a questão ética na elaboração e uso de casos. Para Graham³¹, é preciso evitar alguns riscos, a saber, não proteger a identidade dos atores envolvidos, não deixar claro o que é fato ou ficção no caso; atribuir citações falsas; apontar motivações a atores de forma indevida; criticar atores

²⁶ Veja mais sobre o assunto em: SILVA, BENEGAS, 2010, p. 14; HERREID, 1994, p. 221.

²⁷ GRAHAM, Andrew. *Como escrever e usar estudos de caso para ensino e o aprendizado no setor público*. Brasília: ENAP, 2010, p. 15.

²⁸ HERREID, 1994, p. 221.

²⁹ GRAHAM, 2010, p. 27.

³⁰ HERREID, Clyde Freeman, What is a case? Bringing to science education the established teaching tool of law and medicine. *Journal of College Science Teaching*, v. 27, n.2, 92-94, 1997.

³¹ GRAHAM, 2010, p. 20.

desnecessariamente. Também se deve tomar cuidado para não expor os atores envolvidos sem o devido consentimento.

Para fins didáticos os casos podem ser classificados quanto ao tipo de caso, quanto a forma da narrativa e quanto a maneira que a questão é apresentada. Quanto ao tipo de caso, o *National Center for Case Study Teaching in Science*³² identifica sete tipos de casos, eles estão sintetizados no Quadro 2.

Quadro 2 – Tipos de casos.

TIPOS	CARACTERÍSTICAS
Caso de análise/ caso problema	Tipo de caso que envolve pergunta/perguntas de análise. Não exige tomada de decisão e sim habilidades de leitura da realidade para interpretação da situação narrada.
Caso dilema/ decisão	Envolve um problema a ser resolvido por um tomador de decisão. O conflito e o contexto que o originou precisam estar bem descritos na história. Materiais de subsídio podem ser utilizados para melhor entender o caso e tomar a decisão.
Caso dirigido	É voltado para reforçar conceitos, princípios e fatos. O caso é descrito de forma mais direta e as perguntas possuem apenas uma resposta correta. É muito utilizado para aprofundamento de um conteúdo que foi ensinado.
Caso interrompido	São apresentadas progressivamente as informações e aspectos ligados ao caso. Geralmente é utilizado um caso factual e os estudantes apresentam hipóteses para solucioná-lo, a partir daí são introduzidas novas informações, o que leva a novas hipóteses até uma conclusão que é confrontada com o que realmente aconteceu no caso.
Caso clicker	O caso é apresentado em mídias e os alunos interagem apresentando as possíveis soluções a partir de palavras

³² Disponível em: <https://sciencecases.lib.buffalo.edu/nsta/>. [Online]. Acesso em Dez. 2021.

	chaves ou seguindo comandos (clickers), assim o caso vai se desenrolando.
Caso invertido	Utilizado nas salas de aula invertidas. Os alunos aprendem, de modo autônomo o conteúdo, e fazem a aplicação do que foi aprendido para solucionar um caso.
Caso de laboratório	É um caso cuja solução requer a utilização de laboratório e de experimentos. A resposta do caso é dada, geralmente, em forma de relatório escrito acerca dos procedimentos adotados.

Fonte: National Center for Case Study Teaching³³ (2020)

Quanto à forma da narrativa, Graham³⁴ classifica pelo menos cinco formas, apresentadas no Quadro 3:

Quadro 3 – Forma da narrativa do caso.³⁵

TIPO	CARACTERÍSTICAS
Problema	<ul style="list-style-type: none"> • Curto e específico • Focado em soluções • Uso frequente no ensino • Estimula a vinculação entre teoria e prática
Evento	<ul style="list-style-type: none"> • Oferece alguns detalhes sobre um evento específico • Real ou construído • Concebido para mostrar soluções ou lições aprendidas
Cenário completo	<ul style="list-style-type: none"> • História complexa • Múltiplas camadas • Maior ambiguidade • Exige uma resposta complexa

³³ NATIONAL CENTER FOR CASE STUDY TEACHING IN SCIENCE. *Case Types & Methods*. 1999-2021. Disponível em: <https://sciencecases.lib.buffalo.edu/collection/types.html>. [Online].

³⁴ GRAHAM, 2010, p. 25.

³⁵ GRAHAM, 2010, p. 26.

	<ul style="list-style-type: none"> • Conclusões podem ser mais ambíguas
Cenário complexo	<ul style="list-style-type: none"> • Mais longo e mais complexo • Número maior de variáveis • Conclusões e lições extraídas são altamente contextuais
Metacaso	<ul style="list-style-type: none"> • Concebido para reunir experiências envolvendo questões complexas no campo de políticas públicas ou gestão • Assume uma perspectiva de longo prazo • História com muitos detalhes • Enfoca a transferência de conhecimentos /antecedentes

Quanto à forma como o problema é apresentado, Luciana Sá identifica três tipos: estruturados, mal estruturados e de múltiplos problemas³⁶. Os casos estruturados apresentam o problema de forma clara na narrativa do texto, cabendo aos estudantes analisar a solução correta. Os casos mal estruturados não apresentam o problema de forma clara, cabendo aos estudantes identificá-lo e buscar soluções. Por fim, os casos de múltiplos problemas não possuem um único problema claro e bem definido a ser resolvido, e sim vários problemas que precisam ser solucionados para chegar ao resultado desejado. Geralmente casos desse tipo são trabalhados em pequenos grupos, cada grupo se responsabiliza por um problema.

Feito esse panorama, é importante conhecer algumas metodologias que, geralmente, fazem uso de estudo de casos.

- Discussão: utilizado com casos do tipo decisão ou análise, o professor busca identificar junto com os alunos problemas, soluções possíveis e consequências a partir de perguntas que estimulem as reflexões.³⁷
- Debate: utilizado em casos de dilema. O caso precisa envolver questões que suscitem opiniões contraditórias.

³⁶ SÁ, Luciana Passos. *Estudo de casos na promoção da argumentação sobre questões sócio-científicas no ensino superior de química*. 2010. 300 f. Tese (Doutorado em Ciências Exatas e da Terra) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010, p.115.

³⁷ HERREID, 1994, p. 225.

Júri-simulados, por exemplo, são formas de desenvolver debates.³⁸

- Aprendizagem Baseada em Problema (APB): também conhecida pela sigla em inglês PBL (*Problem Based Learning*) trata-se de uma estratégia que envolve a identificação de situações complexas e busca por soluções, em geral, é vivenciada em pequenos grupos. A resposta para o problema não comporta uma solução única e a aplicação do caso deve preceder a teoria, o que exige dos estudantes que formulem hipóteses e pesquisem os conteúdos necessários à resolução do problema.³⁹
- Abordagens Múltiplas à Inteligência (AMI): faz referência a teoria das inteligências múltiplas⁴⁰, proposta por Howard Gardner, para a qual há vários tipos de mente e várias formas de aprender. Assim, as abordagens múltiplas visam criar condições para que várias formas de pensar sejam contempladas e um número maior de alunos possa efetivamente aprender na situação didática proposta. Utiliza um ponto de entrada que insere o estudante em determinado contexto de análise, a partir do qual se invoca um conjunto de ideias de maneira flexível para produzir uma interpretação crítica⁴¹.

3. Parábolas de Jesus e o estudo de casos

Partindo de situações concretas e simples, comuns aos costumes culturais judaicos da época, Jesus Cristo ensinava os

³⁸ HERREID, 1994, p. 226.

³⁹ BOROCHOVICIUS, Eli. TORTELLA, Jussara Cristina Barboza. Aprendizagem Baseada em Problemas: um método de ensino-aprendizagem e suas práticas educativas. *Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação*, Rio de Janeiro, v.22, n. 83, p. 263-294, abr./jun. 2014, p. 226.

⁴⁰ São 9 os tipos de inteligência proposto por Gardner, são elas: espacial, lógico-matemática, corporal-cinestésica, linguística, musical, intrapessoal, interpessoal, naturalista e existencial. GARDNER, Howard. Abordagens múltiplas à inteligência. In: ILLERIS, Knud (Org.) *Teorias contemporâneas da aprendizagem*. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 127 – 137.

⁴¹ GARDNER, 2013, p. 128.

princípios e valores do seu reino. Para Simon Kistemaker⁴², era a partir de fatos conhecidos e aceitos no cotidiano que Cristo ensinava novas lições. Nos três evangelhos sinópticos é evidenciado o ensino por meio de parábolas, cerca de um terço do ensino de Jesus. A Bíblia de Estudo Pentecostal⁴³ elenca 39 parábolas, sendo os livros de Mateus e Lucas os que mais as narram.

Ao contar as parábolas, raramente Jesus procedia com a explicação delas, ele costumava deixar que o povo, por si mesmo, buscasse o sentido do ensino. Gilvander Moreira aponta sete características observadas nas parábolas de Jesus: “a) Fala do cotidiano das pessoas; b) Retrata a realidade; c) Emerge da realidade, mas não a reproduz, transforma-a; d) Fala de si mesmo e por si mesmo; e) Provoca e interpela; f) Convoca para pensar; g) Tem um quê de impensado, imprevisto e às vezes escandaloso”⁴⁴.

Simon Kistemaker divide as parábolas em três tipos, a saber, autênticas, histórias em forma de parábola e ilustrações. As autênticas são mais facilmente compreendidas pois ensinam a partir do próprio fato e geralmente são contadas no tempo presente. As histórias como parábolas são contadas no passado, em termos de algo que já aconteceu, geralmente uma experiência pessoal. Esse tipo de parábola requer uma maior análise, porque a lição não está no fato narrado e sim no que se pode extrair dele. Trata-se assim de uma analogia. Já as ilustrações são histórias para refletir e aplicar como modelo a ser seguido ou evitado⁴⁵.

Klyne Snodgrass afirma que ao longo da história da Igreja, “as parábolas foram mal interpretadas, reconfiguradas, abusadas e destruídas. E muitas vezes, ainda hoje, o são. Elas são mais usadas do que ouvidas e entendidas”⁴⁶. Andreas Köstenberger e Richard Patterson sinalizam que parte das dificuldades de interpretação se dá porque os estudantes costumam tratá-las apenas como narrativas históricas ou espiritualizam excessivamente cada elemento de

⁴² KISTEMAKER, Simon J. *As parábolas de Jesus*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, p. 15.

⁴³ BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Ed. rev. e corr. Compilado e redigido por Donal C. Stamps. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 1619.

⁴⁴ MOREIRA, Gilvander Luís. *O ensino de Jesus por meio de parábolas*. 2012. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/512426-o-ensino-de-jesus-por-meio-de-parabolas>. s/p. [Online].

⁴⁵ KISTEMAKER, 1992, p. 16.

⁴⁶ SNODGRASS, Klyne. Modern approaches to the parables. In: OSBORNE, Grant (Ed.). *The face of New Studies: a survey of recente research*. Grand Rapids Baker: Leicester, 2004, p. 177.

determinada parábola, extremos que devem ser evitados⁴⁷. Nos dias hodiernos, a compreensão das parábolas de Jesus exige do leitor alguns princípios básicos de interpretação bíblica relacionados aos aspectos históricos, gramaticais e teológicos, para que seja possível uma interpretação adequada. Pois, de acordo com Grant Osborne, elas se tratam de narrativas que empregam um acontecimento particular no tempo passado, sem a comparação direta e óbvia. Ela é indireta e exige que o ouvinte reflita⁴⁸.

As características apresentadas indicam aproximação entre as parábolas e estudo de casos. Nesse sentido, destacam-se as histórias como parábolas e as ilustrações como sendo casos de análises do tipo evento. Utilizando três parábolas como casos e a partir da metodologia das abordagens múltiplas à inteligência propõe-se estudos de caso como subsídios para o educador em sua prática docente.

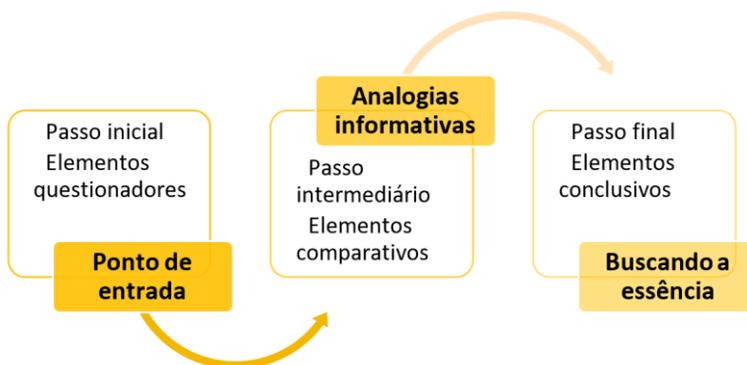
4. Proposição de estudos de casos utilizando parábolas a partir das Abordagens Múltiplas à Inteligência (AMI)

A metodologia AMI utiliza uma série de recursos diferentes, que se relacionam com os vários tipos de inteligência, para a elucidação de um caso ou de casos. Ela se divide em três momentos, como ilustrados na Figura 1.

Figura 1 – Momentos das abordagens múltiplas à inteligência

⁴⁷ KÖSTENBERGER, Andreas J.; PATTERSON, Richard D. *Convite à interpretação bíblica: a tríade hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 398.

⁴⁸ OSBORNE, Grant. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 373.



Fonte: elaborado pelos autores do artigo.

Os pontos de entrada podem ser narrativos, numéricos, estéticos, existenciais, práticos ou sociais. Neste trabalho, utiliza-se o estilo narrativo, “um veículo linguístico que apresenta protagonistas, conflitos, problemas a resolver, objetivos a alcançar, tensões suscitadas”⁴⁹. As analogias informativas se ocupam de transmitir partes reveladoras do conceito/ideia em questão. Nesta etapa podem ser utilizadas obras de arte plástica, músicas, história em quadrinhos, reportagens, poesias, experimentos, equações matemáticas, etc. Por fim, na etapa “Buscando a essência” ocorre o resgate da aprendizagem, permitindo que o estudante/leitor crie sua própria síntese, consequente de uma problematização/atividade inicial. Vejamos a aplicação da abordagem em três parábolas de Jesus. Reportamo-nos assim à própria narrativa bíblica da parábola como o caso, que é posteriormente problematizado⁵⁰.

Caso 1 - O semeador

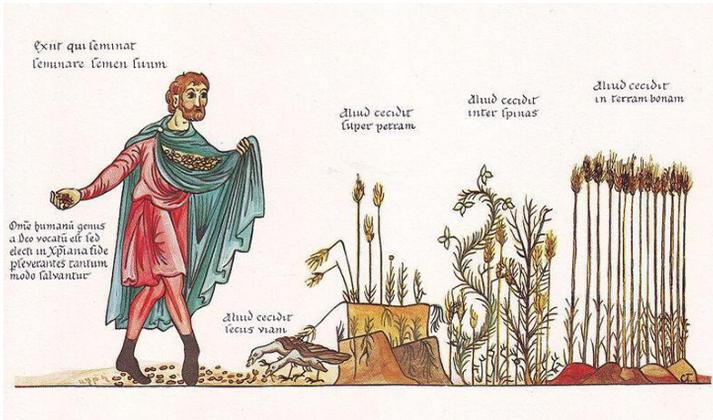
Ponto de entrada: a leitura do trecho bíblico em Marcos 4.2 – 20. Para a parábola citada, utilizou-se o questionamento proposto pelos autores do artigo: “partindo-se da premissa que o mesmo semeador e o mesmo tipo de semente são ofertados aos variados tipos de solo, como se enfatiza a responsabilidade do efeito da Palavra sobre aqueles que a ouvem”?

⁴⁹ GARDNER, 2013, p. 129.

⁵⁰ GARDNER, p. 129.

Analogias informativas – Adotou-se, para esta parábola, uma figura réplica do quadro *Hortus Deliciarum*⁵¹, haja vista que uma das dificuldades das parábolas é a abstração por parte do leitor e que um estímulo visual contribui para a acomodação das ideias propostas na narrativa.

Figura 2: *Hortus Deliciarum*, de Herrad de Landsberg (1125 – 1195).



Fonte: Wikipédia.

Buscando a essência - Discussão sobre o questionamento inicial feito e novo questionamento: tendo em vista a responsabilidade pessoal em ouvir e dar crédito ao evangelho, que fatores podem se constituir como entraves para que a resposta ao evangelho seja positiva?

É possível inferir que a pessoa observará que todos os tipos de terreno ouvem a palavra (Mc 4. 15, 16, 18, 20), no entanto, os efeitos são os mais diversos, devido, exclusivamente, ao tipo de terreno no qual a semente cai: solo raso, pedregoso, espinhoso e boa terra. O ouvir é condição inicial, mas não a segurança máxima de sucesso espiritual. A pessoa deverá estar atenta ainda que no primeiro solo a semente apenas cai e é subtraída; no segundo, ela cai e germina; no terceiro, ela cai, germina e cresce; e apenas no quarto solo a semente cai, germina, cresce e frutifica.

⁵¹ DE LANDSBERG, Herrad. *Hortus Deliciarum*. Warburg Institute: London, 1979. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/cc/Hortus_Deliciarum%2C_Das_Gleichnis_vom_S%C3%A4mann.JPG. Acesso em 15 maio 2020.

Caso 2 - O bom samaritano

Ponto de Entrada: Leitura de Lucas 10.25-37. A parábola do samaritano apresenta três personagens que se relacionam com o judeu ferido. Sacerdote e levita tinham um conhecimento da Lei Mosaica e era esperado que eles auxiliassem o judeu, mas é o samaritano que o faz. Este caso é tratado como um caso de análise ou caso problema, propõe-se assim que a pessoa analise as características de cada personagem e identifique possíveis razões para Cristo narrar a parábola dessa forma.

Analogias formativas: utilizando o texto sobre as motivações do conflito entre judeus e samaritanos é proposta uma discussão sobre essa desavença. O texto baseia-se em Russel Champlin:

Samaria, capital do reino israelita do Norte, caiu ante o império assírio em 722 a.C. Embora o remanescente que ficou na terra de Israel tenha envidado esforços para dar continuidade à adoração ordinária, a mistura gradual com povos colonizadores enviados de várias partes do império assírio, alterou paulatinamente a atitude e a adoração do povo, além de ter criado uma raça mista. A oposição que se instaurou entre os judeus de Jerusalém e os samaritanos parece ter sido de natureza quase inteiramente política, até o século V a. C. E o advento de Esdras e Neemias, com a nova ênfase sobre a pureza racial, fez crescer ainda mais a brecha entre essas comunidades⁵².

Outra atividade é a pesquisa sobre os costumes dos sacerdotes e levitas no tempo de Jesus. Essas pesquisas se tornam vitais para a compreensão da narrativa, proferida há séculos, em um contexto histórico-cultural distinto do atual. Neste sentido, concorda-se com Osborne⁵³ ao defender uma interpretação contextual da parábola, como uma narrativa histórica fundamentada no contexto histórico do primeiro século da era cristã.

Buscando a essência: a depender da quantidade de pessoas a atividade pode ser em grupo ou individual. Ela consiste na exposição em cartazes sobre as motivações de Cristo em narrar a parábola

⁵² CHAMPLIN, Russel N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. vol. 6. 12 ed. São Paulo: Hagnos, 2014, p. 64.

⁵³ OSBORNE, 2009, p. 372.

daquela forma, seguida de debate com a turma para chegar a um consenso. Relembrando-se que, ao estudar parábolas, debruçamo-nos sobre “uma narrativa terrena com um significado divino”⁵⁴.

Caso 3 - O filho pródigo

Ponto de entrada: Leitura de Lucas 15,11-32. Reconhecendo o caráter trifásico desta parábola, que possibilita a incursão em três pontos de vistas distintos, que lições podemos extrair das personagens da história: o pai, o filho pródigo e o irmão do pródigo?

Analogias informativas: sendo esta parábola cercada de tramas e dramas familiares, a música constitui também um estímulo sensorial que facilita a percepção das diferentes realidades envolvidas na narrativa. Para isso, propomos a canção “Fim de tarde no portão”, com letra e música de Stênio Marcius⁵⁵, com um curto trecho citado a seguir: “Fim de tarde no portão, a cabeça branca ao relento, eimosia de paixão faz das cinzas renascer alento, Na estrada o seu olhar procurando um vulto conhecido, Espera um dia abraçar quem diziam já estar perdido”.

Buscando a essência: Cada pessoa ou grupo ficará responsável por uma personagem e apresentará em imagens os atributos e as aprendizagens que podem ser extraídas a partir de cada um deles. Haja vista que desenvolver formatos variados de resposta e expressão também se torna uma prática comum à luz da AMI, não utilizamos apenas respostas escritas ou verbalizadas. Expressões ilustradas, elaboração de poemas, construção de narrativas também se enquadram, por exemplo, como possibilidades para o resgate final da aprendizagem.

Em síntese, tem-se o Quadro 4, que apresenta o planejamento da abordagem com suas respectivas etapas:

Quadro 4. Etapas e elementos utilizados no estudo das parábolas.

Estudo de caso das parábolas à luz da AMI		
Caso 1 O semeador	<i>Ponto de entrada</i>	Leitura de Marcos 4.2-20

⁵⁴ OSBORNE, 2009, p. 372.

⁵⁵ FIM DE TARDE NO PORTÃO. [Compositor e intérprete]: Stênio Marcius. Manaus: Rimo da Amazônia, 2004. 1 CD (49 min). <https://www.letas.com.br/stenio-marcius/fim-de-tarde-no-portao>. Acesso em 19 de Maio 2020.

	<i>Analogias informativas</i>	Quadro <i>Hortus Deliciarum</i> , de Herrad de Landsberg (1125 – 1195).
	<i>Buscando a essência</i>	Discussão sobre o questionamento inicial feito e novo questionamento
Caso 2 O bom samaritano	<i>Ponto de entrada</i>	Leitura de Lucas 10.25-37
	<i>Analogias informativas</i>	Trecho de comentário teológico ⁵⁶
	<i>Buscando a essência</i>	Exposição e debate sobre as motivações de Cristo em narrar a parábola daquela forma.
Caso 3 O filho pródigo	<i>Ponto de entrada</i>	Leitura de Lucas 15.11-32
	<i>Analogias informativas</i>	Canção “Fim de tarde no portão” ⁵⁷
	<i>Buscando a essência</i>	Produção de imagens sobre os atributos de cada personagem e o que é possível aprender com eles.

Fonte: Elaborado pelos autores.

5. Considerações finais: Possibilidades e limitações do uso de estudo de caso na Educação Cristã

Neste momento cabe fazer algumas considerações acerca dos limites da metodologia utilizada frente à educação cristã.

Primeiro, importa salientar que se trata de uma metodologia ativa, o estudante é, em parte, responsável pela busca do conhecimento e sua motivação pode levar a maior ou menor engajamento com a atividade. Ela pode contribuir para construção de

⁵⁶ CHAMPLIN, 2014, p. 64.

⁵⁷ FIM DE TARDE NO PORTÃO, 2004.

conhecimentos, de forma mais significativa e crítica, ao levar as pessoas ao exercício da argumentação, trabalho em equipe e fundamentação de respostas.

O papel da pessoa que ensina na condução desses momentos se abriga em uma visão sócio construtivista, configurando-se como um facilitador na busca pelas informações, formador de conexões entre os elementos, estimulador para conclusões fundamentadas e mantenedor do fio condutor da análise. Buscando lembrar ao estudante o questionamento central, a fim de evitar fugas epistêmicas, que direcionem o estudante para um afastamento da linha-proposta nos pontos de entrada.

Ao trazer a metodologia AMI, aponta-se para a necessidade de observar as várias formas de aprender. Nem todos aprendem apenas ouvindo ou lendo, várias estratégias podem colaborar para que a aprendizagem se concretize e o conhecimento possa ser aplicado no cotidiano das pessoas. Nos casos apresentados, limitamos as analogias informativas e a busca pela essência a uma ou duas atividades, mas é possível utilizar uma série de recursos para ajudar a pessoa na resolução do problema. Utilizar mapas, fotos, exibir vídeos, incentivar que as pessoas pesquisem em casa, no celular e produzam, a partir disso, uma série de produtos, como pequenos textos, peças, *podcast*, *banners*. Os recursos e produtos pedidos partem da avaliação da característica da turma e do acesso aos materiais.

No texto apontam-se as parábolas de Jesus como casos, pois convidam a pessoa (ouvinte/leitora) a participar de uma nova visão de mundo do reino de Jesus. Trata-se, segundo Grant Osborne, de um desafio ilocutório e um encontro perlocutório que jamais nos permite ficar neutros, elas prendem a nossa atenção e nos forçam a interagir⁵⁸. Ou ainda, nas palavras de Andreas Köstenberger e Richard Patterson, são “uma chamada ao discernimento”⁵⁹. Contudo, nada impede que o professor elabore casos baseados em histórias bíblicas ou situações vivenciadas em seu cotidiano ou experiências que lhe foram contadas. É essencial tomar cuidados éticos ao utilizar uma história factual e apresentar o caso de modo a não ser tendencioso, ou conduzir os alunos a transmitirem a resposta que o educador deseja.

Há ainda uma implicação importante no uso dos estudos de caso quando se trata da educação cristã, pois, na perspectiva de tradição protestante, não podemos falar de uma laicidade ou uma moral relativa, que avalia caso a caso e faz seu julgamento baseado no contexto. Assim, é preciso estar atento ao trabalhar com casos abertos e que exigem posicionamentos éticos, pois enquanto cristãos, a

⁵⁸ OSBORNE, 20, p. 371.

⁵⁹ KÖSTENBERGER; PATTERSON, 2015, p. 393.

perspectiva educacional volta-se para um desenvolvimento moral que significa ensinar as pessoas a pensar de forma cristã, “ajudando-as a raciocinar partindo da Teologia para a Ética e descobrir a estrutura fundamental para o comportamento moral”⁶⁰. Neste sentido, casos que se baseiam em narrativas bíblicas fornecem elementos de compreensão mais enriquecedores, pois a Bíblia não se posiciona apenas em relação a algumas poucas esferas da realidade, mas ao mundo como um todo. Segundo Felipe Fontes, nas Escrituras encontraremos algo a ser dito sobre a origem e estrutura do universo, a vida em sociedade, os caminhos da educação, as relações de trabalho, a relação do homem com o meio ambiente, a experiência da beleza e tudo mais que for necessário para uma vida de piedade⁶¹.

A Ética cristã é absoluta, baseia-se na revelação de Deus; é prescritiva, no sentido de apontar o comportamento desejado; e é deontológica, baseando-se na regra para se chegar ao resultado desejado⁶². A chave epistemológica é a Escritura⁶³. Portanto, a cosmovisão conduzirá, naturalmente, de volta a Deus. A EC, fundamentando-se nas Escrituras, oferece um escopo do que Deus deseja do seu povo e fala “de qual o propósito de nossa existência em todas as suas esferas. É fundamental reconhecer que a EC não é um gueto educacional, uma visão de educação dentre tantas outras”⁶⁴, simplesmente porque em Deus está a essência da educação, a fonte da verdade, a natureza do ensino. É à luz das Escrituras que a investigação e as respostas aos problemas propostos precisam ser analisadas.

Nada impede que vários pontos de vista diferentes e dissonantes apareçam no momento da pesquisa e da discussão, mas cabe ao educador auxiliar os alunos a balizarem suas opiniões frente a bíblia sagrada: ela é a regra na perspectiva cristã protestante.

Referências

ALESHIRE, Daniel. Finding Eagles in the Turkeys' Nest: pastoral theology and christian education. *Review & Expositor*, Thousand Oaks, v. 85, n. 4, p. 695–709, 1988.

⁶⁰ DOWNS, 2001, p. 130

⁶¹ FONTES, 2018, p. 31

⁶² GEISLER, Norman L. *Ética cristã: opções e questões contemporâneas*. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 16.

⁶³ MAIA, 2013, p.25

⁶⁴ MAIA, 2013, p. 69.

BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2019.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Ed. rev. e corr. Compilado e redigido por Donal C. Stamps. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

CARVALHO, César Moisés. *Marketing para a Escola Dominical*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

CHAMPLIN, Russel N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. vol. 6. 12 ed. São Paulo: Hagnos, 2014.

DE LANDSBERG, Herrad. *Hortus Deliciarum*. London: Warburg Institute, 1979. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/cc/Hortus_Deliciarum%2C_Das_Gleichnis_vom_S%3%A4mann.JPG. Acesso em: 15 mai 2020.

DOWNS, Perry G. *Introdução à Educação Cristã: ensino e crescimento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

FIM DE TARDE NO PORTÃO. [Compositor e intérprete]: Stênio Marcus. Manaus: Rimo da Amazônia, 2004. 1 CD (49 min). <https://www.letras.com.br/stenio-marcus/fim-de-tarde-no-portao>. [Online].

FONTES, Felipe. *Educação em casa, na igreja, na escola: uma perspectiva cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

GARDNER, Howard. Abordagens múltiplas à inteligência. In: ILLERIS, Knud (Org.) *Teorias contemporâneas da aprendizagem*. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 127 – 137.

GEISLER, Norman L. *Ética cristã: opções e questões contemporâneas*. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.

GEORGE, Sherron. K. *Igreja Ensinadora: fundamentos bíblicos-teológicos e pedagógicos da Educação Cristã*. Campinas: Luz para o caminho, 1993. p. 14.

GRAHAM, Andrew. *Como escrever e usar estudos de caso para ensino e o aprendizado no setor público*. Brasília: ENAP, 2010.

GROOME, Thomas. *Christian religious education*. San Francisco: Harper & Row, 1980.

HERREID, Clyde Freeman. Case studies em Science. A novel method of Science education. *Journal of College Science Teaching*, February, Arlington, 1994. Disponível em: https://sciencecases.lib.buffalo.edu/pdfs/Novel_Method.pdf. Acesso em 22 abr 2020.

HERREID, Clyde Freeman. What is a case? Bringing to science education the established teaching tool of law and medicine. *Journal of College Science Teaching*, Arlington, v. 27, n.2, 92-94, 1997. Disponível em: <https://sciencecases.lib.buffalo.edu/pdfs/What%20is%20a%20Case-XXVII-2.pdf>. Acesso em: 22 abr 2020.

KISTEMAKER, Simon J. *As parábolas de Jesus*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992.

KÖSTENBERGER, Andreas J.; PATTERSON, Richard D. *Convite à interpretação bíblica: a tríade hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

MAIA, Hermisten. *Introdução à educação cristã*. Brasília: Monergismo, 2013.

MOREIRA, Gilvander Luis. *O ensino de Jesus por meio de parábolas*. 2012. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/512426-o-ensino-de-jesus-por-meio-de-parabolas>. Acesso em: 20 mai 2020.

MOUL, Renato Araújo Torres de Melo. Aportes teórico-metodológicos do ensino de Jesus Cristo e suas aplicações para a pedagogia. *Reveleto*, São Paulo, v. 13, n. 24, p. 65 – 80, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/reveleto/article/view/44772>. Acesso em: 10 abr 2020.

NATIONAL CENTER FOR CASE STUDY TEACHING IN SCIENCE. *Case Types & Methods*. 1999-2020. Disponível em: <https://sciencecases.lib.buffalo.edu/collection/types.html>. Acesso em: 05 mar. 2020.

OSBORNE, G. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PAZMIÑO, Robert W. *Elementos básicos do ensino para cristãos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

PAZMIÑO, Robert W. *Temas fundamentais da Educação Cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

SÁ, Luciana Passos. *Estudo de casos na promoção da argumentação sobre questões sócio-científicas no ensino superior de química*. 2010. 300 f. Tese (Doutorado em Ciências Exatas e da Terra) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

SANTOS, Valdeci da Silva. Educação Cristã: conceituação teórica e implicações práticas. *Fides Reformata*, v. 13, n. 2, p. 155-174, 2008. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2020/01/7-Educa%C3%A7%C3%A3o-crist%C3%A3-conceitua%C3%A7%C3%A3o-te%C3%B3rica-e-implica%C3%A7%C3%B5es-pr%C3%A1ticas-Valdeci-da-Silva-Santos.pdf>. Acesso em 3 mar. 2020.

SILVA, Roberval Ribeiro da; BENEGAS, Alexandre Albertini. O uso do estudo de caso como método de ensino na graduação. *Economia e pesquisa*, v. 12, n.12, p. 9-31, 2010. Disponível em: http://www.feata.edu.br/downloads/revistas/economiaepesquisa/v12_artigo01_uso.pdf. Acesso em: 12 abr. 2020

SNODGRASS, Klyne. Modern approaches to the parables. In: OSBORNE, Grant (Ed.). *The face of New Studies: a survey of recente research*. Grand Rapids: Baker, 2004.

SPRICIGO, Cinthia Bittencourt. *Estudo de caso como abordagem de ensino*, 2014. Disponível em: <https://www.pucpr.br/wp-content/uploads/2017/10/estudo-de-caso-como-abordagem-de-ensino.pdf>. Acesso em 15 mar. 2020.

TYE, Karen B. *Diretrizes para o ensino na Igreja local: para se pensar e desenvolver o ministério educacional*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

ZUCK, Roy B. *Spiritual power in your teaching*. Chicago: Moody Press, 1979.